

Reflexões sobre as abordagens linguísticas para o estudo da narrativa oral

Reflections on linguistic approaches to the study of oral narrative

Mércia Regina de Santana Flannery

University of Pennsylvania – USA



RESUMO – Dada a ubiquidade do discurso narrativo e suas propriedades textuais, seu estudo permite a análise de várias relações, tanto no espaço criado pelo(s) narrador(es) no mundo da estória, quanto no universo das relações entre os participantes do evento onde emerge. Esta atenção à narrativa tem fomentado, na linguística moderna, várias abordagens e metodologias. Este artigo propõe uma reflexão teórica a cerca dos tratamentos linguísticos que têm sido propostos para se estudar a narrativa, recapitulando desde o então inovador trabalho de Labov e Waletzky (1967), a sociolinguística interacional e a análise da conversa, à atual abordagem das ‘pequenas estórias’ (Georgakopoulou, 2007).

Palavras-chave: Discurso narrativo; sociolinguística interacional; análise da conversa; pequenas estórias

ABSTRACT – The ubiquity of narrative discourse and its textual characteristics allow for the analysis of relationships, both within the space created by the narrators in the story world, and between the participants of the communicative event where it arises. Within modern linguistics, this attention to narrative has fomented several approaches and methodologies. This article proposes a theoretical reflection on the linguistic approaches that have been proposed to the study of narratives, which starts with the, then innovative, Labov and Waletzky (1967) article, moving on to interactional sociolinguistics, conversation analysis, and the current approach to the study of ‘small stories’ (Georgakopoulou, 2007).

Keywords: Narrative discourse; interactional sociolinguistics; conversation analysis; small stories

“We are so adept at narrative that it seems almost as natural as language itself”

(Bruner, 2001, p. 33)

1 Introdução

Em 1997, trinta anos após a publicação do revolucionário trabalho de Labov e Waletzky¹ sobre a estrutura do texto narrativo, a então revista *Journal of Narrative and Life History*² dedicou um número especial, com artigos de vários estudiosos contemporâneos influentes sobre as aplicações daquele seminal trabalho. O número comemorativo da revista apropriadamente aponta para a frutífera área da análise narrativa que, apesar de

explorada através de um grande número de abordagens e perspectivas, continua a ser o foco de pesquisas linguísticas, mas também provenientes das áreas de antropologia, psicologia, dentre outras.

Este extenso interesse no estudo do discurso narrativo é paralelo à própria difusão e ubiquidade desta forma textual no dia a dia de indivíduos em comunidades marcadamente distintas, sejam estas situadas em contextos rurais ou urbanos, em diferentes partes do mundo. O interesse que o texto narrativo desperta, enquanto artefato apropriado para a análise de fenômenos linguísticos sob tantos e variados enfoques, reflete também o fascínio que as estórias exercem. O nosso viver é interpretado, discutido e compartilhado através de estórias que contamos para

¹ Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: June Helm (Ed.), *Essays on the verbal and visual arts*, 12-44. Seattle, WA: University of Washington Press, 1967.

² Atualmente, *Narrative Inquiry*.

ilustrar, exemplificar, argumentar e divertir, dentre outras funções pragmáticas.

Recapitular nossas experiências depois de um dia de trabalho, de férias, ou de um período de nossas vidas envolve, em muitos casos, contar histórias, apresentar e representar personagens, criando e demonstrando suas vozes, encenando papéis. Além disso, o ato de contar histórias apresenta um duplo contexto para a observação de fenômenos linguísticos, a saber, 1) o que concerne ao universo narrativo propriamente dito, aquele habitado por personagens, onde reside a sequência de eventos de uma narrativa; e 2) o que concerne à interação na qual a história se origina. Neste espaço interacional, negociamos sentidos e apresentamos o propósito de contar uma história e é nele que justificamos esta ação.

Através da narrativa mostramos tanto o corriqueiro como o inesperado. Justificamos a ocupação mais longa de um turno para relatar eventos quando estes nos parecem dignos de nota (Labov, 1972; Bruner, 2001). E nestes espaços que criamos para representar, e apresentar, aquilo que nos interessa e que acreditamos poder interessar a outros, recriamo-nos a nós mesmo e damos vida aos personagens com quem interagimos em momentos distantes do presente. Esta representação das relações entre personagens proporciona uma dimensão apropriada para a análise linguística da construção de identidades no âmbito da narrativa.

Como promissor espaço para a negociação de sentido e criação de representações de si mesmo e de outros, processos constituídos no âmbito da narração (relação entre (co-)autor/(co-)narrador, e audiência) e da história propriamente dita, o discurso narrativo tem sido alvo de inúmeras abordagens metodológicas. Esta variedade de perspectivas reafirma o valor da narrativa e desperta renovadas tentativas de explicar o que os narradores, mas também interlocutores, realizam durante o processo de contar, e acompanhar, uma história³.

Considerando que um dos mais importantes fatores influenciadores das formas de comunicação com que nos deparamos hoje em dia é a diversidade, é de se esperar que muitas das abordagens para o estudo da narrativa enfoquem histórias encompassando desigualdades, seja na relação entre os participantes do evento no qual o discurso narrativo emerge, seja nas relações descritas no âmbito do universo narrativo. Por exemplo, algumas

abordagens para o estudo da narrativa concentram-se nas relações entre imigrantes ilegais e habitantes nativos (De Fina, 2003); ao passo que outros estudos detêm-se nas relações de identidade construídas em narrativas de discriminação racial (Flannery, 2006; 2008). Outros estudos demonstraram que traços antes percebidos como componentes narrativos fixos, determinados a priori, são, de fato, produtos do contexto interacional no qual o relato se origina (Georgakopoulou, 2007).

A variedade de tipos de histórias, resultante da própria diversidade característica das formas de interação humana, tem motivado abordagens pautadas em teorias linguísticas que ora complementam-se, ora opõem-se. Apesar de partilharem um interesse na narrativa vernácula e nos modos de contar histórias que pervadem nossas participações nos mais variados eventos comunicativos, diferentes disciplinas e enfoques teóricos para o estudo do texto narrativo contribuem para o nosso entendimento com percepções distintas do ato de narrar.

O objetivo deste artigo é apresentar uma discussão sobre o estudo da narrativa sob um enfoque linguístico, considerando as contribuições das abordagens teóricas e metodológicas mais difundidas contemporaneamente, refletindo no avanço e nas repercussões destas para o nosso entendimento do discurso narrativo. Iniciaremos com uma consideração do seminal trabalho de Labov, passando pelo enfoque socio-interacional, pela análise da conversação e, por fim, discutindo as contribuições do modelo analítico das ‘pequenas histórias’, um proposição mais recente para o estudo do relato oral.

Esta consideração não se pretende exaustiva, dadas as limitações de espaço, mas visa a destacar os fundamentos para o estudo do texto narrativo oral, na linguística moderna, emoldurando estas reflexões com destaques para os princípios orientadores de cada abordagem. Desta forma, pretende-se compor uma recapitulação crítica e uma discussão contextualizada dos diferentes enfoques e das contribuições de cada um.

2 Labov: a estrutura do texto narrativo

Em 1967, o artigo *Narrative analysis: oral versions of personal experiences*, de Labov e Waletzky lançou as bases para o estudo do texto narrativo oral ao introduzir um modelo de análise linguística que via neste formato discursivo um importante recurso para se chegar ao vernáculo. Posteriormente, parte do argumento que Labov desenvolve em *Sociolinguistics Patterns* (1972, p.208) compreendia que o vernáculo – “*the style in which the minimum attention is given to the monitoring of speech*” – era a modalidade de mais interesse ao se procurar estudar fenômenos linguísticos.

A dificuldade com que deparavam-se os linguistas era a de criar um modelo para reunir textos que fosse

³ O termo “estória” é aqui empregado em uma acepção semelhante à do termo inglês “story”, o qual define um relato de caráter recapitulador, oral ou escrito, e que se opõe a fatos ou acontecimentos reconhecidamente históricos. De acordo com o dicionário Houaiss (2007, p.1259), o termo “estória” refere-se a “uma narrativa de cunho popular e tradicional”, de etimologia inglesa, e que pode tratar-se de “narrativa em prosa ou verso, fictícia ou não, com o objetivo de divertir ou instruir o ouvinte ou leitor”. No dicionário Aurélio (1999, p.839), define-se o termo “estória” como “história”, recomendando-se o uso do segundo termo, prescindindo-se do sentido de “ciência histórica” ou “narrativa de ficção”.

eficiente tanto em coletar dados aproximados da realização social da língua, como em evitar influenciar a produção do falante. Tal dificuldade, expressa por Labov com a definição do paradoxo do observador⁴, supunha-se poder ser evitada se os falantes com os quais se pretendia coletar dados estivessem emocionalmente envolvidos com o tópico da conversa sendo gravada. Tópicos que promoveriam este tipo de envolvimento incluem o perigo da morte (“*Were you ever in a situation where you were in serious danger of being killed, where you said to yourself – This is it?*?”), ou situações de conflito, por exemplo. Entrevistas iniciadas com este tipo de pergunta desencadeariam a recordação e acompanhante recapitulação verbalizada de uma sequência de eventos cuja evocação emotiva promoveria uma despreocupação temporária com a produção linguística em si, ou com a presença do pesquisador.

Labov encontra nas narrativas contadas por habitantes em comunidades em Nova Iorque, Filadélfia e Martha’s Vineyard uma consistência estrutural⁵ que se tornou a marca identificatória deste tipo textual e que conduziu a uma variedade de estudos e abordagens, em diferentes línguas e por analistas provenientes de diferentes disciplinas (Schiffrin, 1981; 1984, 1996, 2002; Tannen, 1989; Gergen e Gergen, 1988; Mishler, 1986). Mesmo que muitos estudiosos, em oposição à abordagem de Labov, propusessem diferentes formas de estudar o material narrativo, o estudo daquele autor foi fundamental em chamar a atenção para a narrativa oral, mostrando que há regularidade estrutural naquilo que parecia caótico e desorganizado. De acordo com Labov e Walezky, o entendimento da estrutura fundamental de uma narrativa seria encontrado “in oral versions of personal experiences: not the product of expert storytellers that have been retold many times, but the original production of a representative sample of the population” (1997 [1967], p.3).

Os artigos incluídos no número da revista *Narrative Inquiry* em comemoração ao trabalho de Labov aplicam ou discutem os postulados teóricos entabulados em 1967. Como a leitura dos artigos evidencia, o estudo de Labov tornou-se a base para abordagens que vão desde a aplicação do modelo envisioned pelo autor a novas proposições do mesmo modelo. Entretanto, há também, no mesmo volume comemorativo, um número de artigos que criticam a abordagem Laboviana (ver o artigo de Schegloff, por exemplo, que comentamos adiante). Em essência, essas críticas afirmam que o modelo identificado por Labov isola a narrativa do contexto onde surge⁶, desta forma ignorando que, mesmo em uma entrevista sociolinguística, é imprescindível considerarem-se os elementos circundantes, contextuais, componentes do evento comunicativo, e caracterizadores deste. Este argumento parece destacar que a idealização do modelo de coleta proposto por Labov trata o texto narrativo como uma entidade independente,

despercebendo, ou ignorando, as circunstâncias discursivas que levam à confecção de uma narrativa.

Outros estudos mostraram que, em relação aos critérios estruturais apontados por Labov, mais precisava ser dito, como, por exemplo, que o ponto de uma estória não é necessariamente definido a priori, mas pode ser negociado *on line*, à medida que a estória é contada. Mais tarde, deu-se mais atenção ao fato de como as estórias permitem que seus autores circulem, e até mesmo representem, papéis que os identificam como tipos reconhecidos socialmente.

À medida que as aplicações do modelo Laboviano multiplicaram-se, surgiram novas considerações e a inclusão de variados recursos para compreender a narrativa e suas ramificações para as ciências sociais. O avanço na sociolinguística, especialmente na sociolinguística interacional, prevê maior atenção aos elementos contextuais definidores de uma situação comunicativa. Comentaremos na sequência as principais contribuições desta sub-área linguística, seus principais representantes e postulados teóricos.

3 A sociolinguística interacional: interação, contexto e linguagem

Nesta perspectiva, que toma emprestado tanto da antropologia como da sociologia e da linguística, a ênfase é posta na interação em si, e nos elementos que a particularizam. O contexto recebe mais atenção e, dadas as especificidades de cada situação, podem-se derivar explicações para as relações de significado que são expressas aberta ou sutilmente nas ações verbais, e mesmo físicas, dos participantes. A sociolinguística interacional lança as bases para uma análise linguística que enxerga até no não dito aquilo que pode contribuir para a compreensão, para as diferenças no estilo comunicativo, e para como a junção destes fatores acaba por determinar significados.

Baseada principalmente nos trabalhos do antropólogo John Gumperz e do sociólogo Ervin Goffman, esta perspectiva aponta para as pistas interacionais em contextos definidos, as quais, não compartilhadas, resultam muitas vezes em mal entendidos, que variam desde aqueles no âmbito da comunicação entre os sexos, à comunicação entre indivíduos de formações culturais diversas (Gumperz, 1982; Tannen, 1984).

⁴ Como Labov (1972, p.209) afirma, “the aim of linguistic research in the community must be to find out how people talk when they are not being systematically observed; yet we can only obtain these data by systematic observation.”

⁵ De acordo com Labov, uma narrativa completa seria composta dos seguintes elementos: resumo, orientação, orações de complicação, avaliação, resolução e coda.

⁶ Entretanto, Labov (1972, p.355) reconhece, quanto às narrativas coletadas em entrevistas sociolinguísticas, que “[b]ecause they occur in response to a specific stimulus in the interview situation, they are not free of the interactive effect of the outside observer.”

O trabalho de Gumperz sobre *code switching* (situacional ou metafórico) e pistas de contextualização (*contextualization cues*) aponta para o fato de a linguagem e sua compreensão serem dependentes do conhecimento partilhado pelos interactantes de um evento comunicativo. Baseando suas observações principalmente nas interações de serviço, na década de 70, na Inglaterra, em uma instituição que selecionava aprendizes para um programa de treinamento remunerado, entre falantes nativos de inglês britânico e falantes de inglês provenientes do Sul da Ásia, Gumperz ilustra como partilhar conhecimento de artifícios contextualizantes – tais como pronúncia, prosódia, entonação – é importante ao se fazerem inferências. Como Gumperz (2001: 216) afirma “[c]ulturally specific presuppositions play a key role in inferring what is intended.” Estudar mal-entendidos é, também, como afirma Schiffrin (1994, p.100), uma maneira de estudar e reconhecer as peculiaridades culturais de membros de um dado grupo. Como a autora indica, *code switching* também pode ser uma pista contextualizadora, já que pode gerar expectativas quanto a como o conteúdo deve ser interpretado. Em suma, a contribuição de Gumperz informa-nos, sobretudo, que o estudo da linguagem é pautado pelo conhecimento cultural partilhado, ou não, pelos participantes de um evento comunicativo.

O sociólogo Ervin Goffman contribuiu à sociolinguística interacional com o conceito de ordem interacional (*interactional order*), ao sugerir (ainda que implicitamente) que o âmbito da interpretação linguística cabe além do universo gramatical ou meramente linguístico. De acordo com Goffman, a linguagem é situada no mesmo plano “social e interpessoal” que supre as pressuposições envolvidas na geração de sentido. Comentando a contribuição de Goffman à sociolinguística interacional, Schiffrin escreve,

Goffman’s analyses of the relationship between interpersonal meanings and social structure are balanced by careful attention to both the symbolic value of what is said and done and the more abstract forms of social life (1994, p.103).

A abordagem sociointeracional deu origem a diversos trabalhos que analisaram a comunicação em variados contextos. Por exemplos, Schiffrin (2002) estuda aspectos relativos à construção da identidade em narrativas orais de autores judeus recapitulando episódios relativos ao Holocausto, ao passo que Tannen (2006), mais recentemente, tem explorado a comunicação entre mãe e filha. Nestes trabalhos, o foco analítico é voltado para o entendimento de relações entre atores sociais que, dotados de histórias de vida, e de formações distintas, contribuem, ainda que de forma desproposita, para o formato que a interação e a comunicação resultante desta assumem.

Especificamente, no caso da análise da narrativa, abordagens que surgem à sombra da teoria socio-interacional focalizam a construção de identidade proporcionada pela configuração do texto narrativo. O ato linguístico de contar histórias, sobre si e sobre outros, nas quais os personagens figuram agindo e reagindo, falando e ouvindo, reflete o dinamismo próprio da linguagem. Narrar pode ser considerado, de certa forma, como o ato discursivo mais rico, se observamos que a gênese narrativa depende da existência de elementos quase arquétipos no âmbito da comunicação, e se pensarmos na presença de interlocutores que reagem de forma mais ou menos ativa em um dado contexto interacional. Ochs e Capps desenvolvem bem esta propriedade da narrativa ao afirmarem que,

Human narrative encompasses a rich array of motives and topics. Human beings narrate to remember, instill cultural knowledge, grapple with a problem, rethink the status quo, soothe, empathize, inspire, speculate, justify a position, dispute, tattle, evaluate one’s own and others’ identities, shame, tease, laud, and entertain, among other ends. (2001, p.59)

O texto narrativo também, dada a sua ubiquidade, apresenta-se como um rico *milieu* para a coleta de material linguístico. Independente de quão distantes estejamos agora do modelo Laboviano de pesquisa e dos preceitos nele estabelecidos, é inegável que o texto narrativo permite a aplicação de uma longa lista de abordagens com fins à percepção de diversos fenômenos linguísticos, desde a análise de realizações no âmbito fonético-fonológico às relações de identidade verificáveis entre os diferentes gêneros, grupos raciais, ou etários, como propõem os representantes da sociolinguística interacional.

Há também contribuições importantes para o estudo da narrativa que emanam da análise da conversação, cujos preceitos resumimos na próxima seção.

4 A análise da conversa⁷: a contextualização da abordagem à narrativa

A análise da conversa (AC) enquanto metodologia de pesquisa deriva seus pressupostos teóricos da etnometodologia e da sociologia. A conversação é um dos meios através dos quais os falantes exibem conhecimento

⁷ O termo “análise da conversa” é aqui empregado em linha com a tradição americana corrente. Alguns teóricos sugerem uma distinção entre a Análise da Conversação (orientação seguida por Marchuschi, 1986) e a Análise da Conversa Etnometodológica (ver Garcez e Loder, 2005). Considere-se, nesta discussão, que a gênese da análise da conversa remonta, indisputavelmente, ao trabalho do etnometodologista Harold Garfinkel, “Studies in ethnomethodology”, 1967. Esta perspectiva teórica foi desenvolvida por Harvey Sacks, cujos textos de aulas foram organizados por Gail Jefferson e Emanuel Schegloff e publicados, postumamente, em 1992.

sobre a ordem social (Schiffrin, 1994, p.232) e, dessa forma, um importante canal para apreenderem-se noções sobre papéis sociais.

A análise da conversa ocupa-se de eventos comunicativos, gravados, que ocorrem em contextos reais, sem a inicialização de um pesquisador, como ocorre nas entrevistas sociolinguísticas modeladas de acordo com o padrão Laboviano. Uma outra distinção entre as implicações metodológicas da análise da conversação relaciona-se a como o material linguístico é interpretado. Para a AC, os dados devem ser interpretados no âmbito local das sequências comunicativas de um dado evento, sem se considerar o que um falante sabe ou qual a sua formação, ou tradição cultural.

A forma de tratar o contexto na AC distingue-se por seu caráter indexicalizador. No domínio deste tratamento linguístico, são as sequências de enunciados que recebem atenção particular enquanto responsáveis pela criação de sentido imediata e posterior. Isso quer dizer que, para a AC, cada enunciado é tanto determinado por um enunciado anterior, como determinante do próximo enunciado. O caráter contextualizador e indexicalizante dos enunciados não é, porém, o principal foco da AC, nem implica em uma preocupação com elementos pertinentes ao universo social dos falantes. Fatores como sexo, idade, ocupação e formação educacional são relevantes apenas na medida em que surgem no universo daquilo que é dito. Desta forma, “although CA⁸ is an approach to discourse that emphasizes context, the relevance of context is grounded in text” (Schiffrin, 1994, p.236).

Uma outra propriedade da AC é a ausência de termos comumente aceitos na linguística para explicar as propriedades e características dos enunciados. Ao analisar uma sequência adjante qualquer, os analistas empregando esta abordagem evitam descrições que ‘amarrem’ o objeto de observação a visões interpretativas pré-concebidas, sejam estas textuais ou sociais. Schiffrin (1994, p.239-273) ilustra esta propriedade da AC com uma série de análises de menções da construção tradicionalmente referida como “existencial there + be” em inglês, mas ressalva ao longo da discussão que eliminaria as referências a este termo de acordo com a perspectiva gramaticalmente aceita, em linha com o que é feito na AC.

No artigo *Narrative analysis: thirty years later*, Schegloff (1997) discute novos rumos para o estudo da narrativa. Opondo-se aos demais artigos do conjunto por não ser laudatório, Schegloff inicia suas observações comentando o que considera falhas metodológicas na abordagem Laboviana. Como o autor explica, a ampla atenção recebida pelo trabalho de Labov e Waletzky mascara, de muitos modos, como a limitação do texto narrativo, coletado através de uma entrevista sociolin-

guística ignora a inexistência de produção linguística que não seja moldada de acordo com as especificidades do contexto. Considerar, então, o texto narrativo como um produto final, passível de ser analisado para dar conta de fenômenos linguísticos ‘naturais’, é não reconhecer que o próprio formato do evento comunicativo entrevista, com papéis participativos definidos de entrevistador e entrevistado, influencia e molda o produto final.

Schegloff (1997, p.102) também questiona a neutralidade, ou espontaneidade, em relatos que descrevem situações de quase morte ao afirmar que “[t]his seems to be predicated on the view that “type of story” or “topic of the story” is nonconsequential for its anatomy or structure and that only spontaneity is specially associated with it”. O argumento de Schegloff sugere a exploração de uma área de estudo da narrativa que ainda permite amplo desenvolvimento, convidando a um empreendimento analítico que considere o texto de acordo com as particularidades do contexto de produção oral. Isso implica em olhar para além das fronteiras da narrativa propriamente dita e enlargar o espaço contextual de forma a observarem-se as relações interacionais do momento incitante à narração; observarem-se também as sequências anteriores e posteriores à narrativa com vistas a se compreender o texto resultante.

As ideias discutidas por Schegloff apontam para uma tentativa de complementar os estudos da narrativa que, por muito tempo, privilegiaram os relatos observados isoladamente em relação ao contexto interacional que os geraram. Uma abordagem que isola a narrativa, privilegiando-a em detrimento a todos os outros componentes textuais, concorre para uma idealização do texto enquanto produto final e cuja interpretação e significado residem em si mesmo. Esta idealização resultante da coleta de dados em entrevistas sociolinguísticas, de acordo com Schegloff (1997, p.101), ocasiona que a narrativa

has been disengaged from its context of production and reception and has become reinforced as a rich discourse resource, deployed for a wide variety of other interpretive undertakings, unconstrained by the symbiotic relation otherwise obtaining between a story and the occasion of its telling.

Para o autor, apesar de uma sucessão de trabalhos que destacam como parte de sua contribuição a atenção aos elementos contextuais, o estudo da narrativa enquanto produto final, colhido em interações de pergunta e resposta, é incompleto para dar conta da complexidade de forma e significado determinadas pelas especificidades destas situações comunicativas.

A entrevista sociolinguística é uma interação dotada de componentes contextuais próprios e, mesmo que as narrativas emergentes nestas situações sejam conhecidas de seus autores, o próprio ato de narrar a estória em resposta à

⁸ Conversation analysis

solicitação de outrem tem papel fundamental na confecção do texto (ver Mishler, 1986). Para Schegloff (1997, p.98), adiantar a narrativa como o produto de interesse em uma entrevista de pesquisa, prescinde a conversação, ou a linguagem circundante ao texto, de sua importância para a formação e características próprias do relato.

Na próxima seção, discutiremos um outro tratamento para o discurso narrativo que apropria-se das contribuições tanto da sociolinguística interacional como da análise da conversa.

5 A narrativa, de texto a contexto: outras e “pequenas” estórias

A diversidade ainda é, como afirmou Gumperz (2001), um dos temas de maior relevância no contexto das análises pautadas por uma perspectiva sociointeracional. As atuais relações estabelecidas entre cidadãos de uma comunidade global cada vez mais entrelaçada através de recursos tais como a Internet tem proporcionado novas formas e formatos de interação. Essa “novidade” no âmbito das relações comunicativas apresenta-se como um rico espaço para o estudo da linguagem e de como esta tanto contribui para minimizar distâncias, como, ironicamente, acaba por ser o mesmo meio pelo qual novos atritos são gerados e divulgados.

Em adição a estas novas formas de emprego linguístico proporcionadas por novos veículos tecnológicos, há, hoje em dia, diversidade em contextos interacionais proporcionada pelo contínuo fluxo de migrantes provenientes de regiões cada vez mais distantes. A aplicação dos construtos teóricos propostos pela sociolinguística interacional deu-se, por muito tempo, no âmbito das relações étnicas (Gumperz, 1982), ou entre homem e mulher (Tannen, 1984). Modernamente, a aplicação destas teorias com vistas ao entendimento da narrativa tem sido observada no contexto recriado em estórias de, e sobre, imigrantes (De Finna, 2003, 2006), ou sobre discriminação racial (Flannery, 2006), para destacar apenas dois exemplos.

Uma outra abordagem para o estudo do discurso narrativo é aquela que toma emprestado da sociolinguística interacional, mas também da análise da conversa, e que se distingue de outras abordagens por privilegiar a inclusão de estórias contadas em situações não planejadas. Georgakopoulou (2007) propõe uma análise do discurso narrativo que 1) amplie a definição de narrativa de modo a incluir textos que, de outro modo, seriam ignorados por uma lente analítica preocupada exclusivamente com um relato completo, bem formado; 2) busque uma contextualização para além da sequência narrativa propriamente dita, de modo a considerarem-se também as informações anteriores e posteriores ao relato.

Para Georgakopoulou, o predomínio do modelo Laboviano acabou por cristalizar uma metodologia que

se dedica excessivamente a uma espécie de ortodoxia estrutural, o que, por sua vez, resultou em negligenciarem-se formatos narrativos mais compatíveis com a nossa experiência comunicativa cotidiana. Apesar de assumir alguns dos elementos associados ao canône tipológico Laboviano, tais como a organização temporal, a autora esquiva-se da tarefa de definir uma narrativa, assumindo que fazê-lo seria reforçar o próprio modelo metodológico que questiona ou, pelo menos, visa a suplementar. Georgakopoulou propõe o termo “pequenas estórias” (literalmente *small stories*), como alternativa para o modelo Laboviano. Segundo a autora, as pequenas estórias são textos narrativos por vezes curtos, que nem sempre recapitulam uma experiência anterior. Como a autora exemplifica, há narrativas hipotéticas ou sobre planos futuros que são repletas de informações sobre os autores, permitindo ao analista assessor aspectos da identidade dos participantes do evento comunicativo.

A proposta para uma mudança de foco é, de fato, um convite a que se verifiquem espaços interacionais antes negligenciados, ou mesmo que se busquem ferramentas metodológicas que possam dar conta da variedade com que se apresenta o discurso narrativo. Por muito tempo, a insistência na busca por uma narrativa completa, de acordo com o modelo Laboviano, ofuscou o extenso plano ocupado pelo discurso narrativo. Se houve sempre um consenso quanto à ubiquidade da narrativa no falar vernáculo, essa abertura metodológica garantida por abordagens tais como a de Georgakopoulou, torna a realidade desta presença ainda mais óbvia.

Também importante para o estudo das narrativas ‘menores’ é a noção de comunidades de prática, agregados humanos definidos pela realização de ações específicas. Os participantes destes ‘lugares’ atuam na criação de estórias que contribuem para transmitir ideias comumente aceitas sobre si e sobre outros – recursos que contribuem para a representação, legitimação e delimitação de futuras estórias e das contribuições de cada participante (Georgakopoulou, 2007, p.98).

Ao propor que se estudem as chamadas pequenas estórias, a autora também nega que estes textos sejam construtos prontos, que aguardam apenas uma ação ou estímulo desencadeador. De fato, como Georgakopoulou (2007, p.4) mostra, as estórias que contamos estão inseridas no contexto em que aparecem, moldadas e administradas no aqui e agora da interação em que emergem. O significado de uma estória, então, é uma função da interação imediata, sendo construído passo a passo, à medida que os interactantes atuam no desenvolvimento da narração.

Este novo tratamento do texto narrativo inclui modos de contar estórias que, antes, seriam negligenciados por uma metodologia que buscava estórias completas, sobre eventos passados. Por exemplo, o trabalho de Georgakopoulou permite a análise de projeções futuras

e de estórias hipotéticas como formatos adequados para a exploração de narrativas. A narração hipotética é repleta de possibilidades de interpretação, trazendo à tona as razões para a entextualização do relato neste formato, apontando para intenções e idealizações de si e outros (Flannery, 2006). De modo similar, estórias que compreendem projeções futuras podem estar latentes de temas importantes para um grupo. Por exemplo, a presença de grupos temáticos em projeções, ou num grupo de estórias hipotéticas, pode ser reveladora de preocupações típicas para uma determinada comunidade social.

Conclusão

Não é incomum que muitos autores, comentando o papel da narrativa para diferentes áreas de conhecimento, iniciem com uma explicação sobre a razão pela qual mais um comentário sobre este gênero textual é cabível (Bruner, 2001). Mesmo assim, a narrativa continua a instigar a curiosidade de acadêmicos de várias disciplinas, que têm suprido uma variedade de estudos. Por exemplo, há estudos sobre a maneira como criamos significado através das estórias que contamos (Schiffrin, 1981); como as estórias que contamos criam “retratos sociolinguísticos” de seu autores (Schiffrin, 1996); como o tipo de estórias que contamos pode ajudar a identificar o local de onde procedemos (Johnstone, 1995); como estórias podem demonstrar como compreendemos a realidade a nosso redor, ou como a nossa mente apreende significados e lida com informações novas (Chafe, 1990); como estórias podem revelar traços da identidade de seus autores (Gergen e Gergen, 1996); ou como posições são criadas e encenadas através das estórias que contamos (Bamberg, 1997).

Essa variedade quase insistente no estudo do discurso narrativo na linguística é paralela à variedade de formas que este gênero textual assume. Pensar nas formas e na presença da narrativa na experiência humana é desencadear a enumeração de uma longa lista que inclui desde as formas consideradas mais triviais, tais como a conversa desinteressada sobre terceiros, à maneira como relatamos sonhos, experiências, como argumentamos, reclamamos, ensinamos, exemplificamos, entretemos, recapitulamos episódios trágicos, ou indignantes, provocando uma correspondentemente variada sorte de reações. Talvez seja por esta razão que disciplinas aparentemente tão diferentes quanto a linguística e a medicina (Charon, 1986) e o direito (Bruner, 2001), tenham estabelecido como alvo de estudo este formato de tratar experiências.

Se hoje devemos muito ao estudo de Labov, por ter chamado a atenção à produção narrativa oral, valorizando esta forma de representar a experiência humana, deparamo-nos com novas perspectivas, novos modos de ver a realidade e de compreendê-la. As abordagens posteriores ao trabalho de Labov compreenderam, por

muito tempo, quase um exercício das teorias do autor, como se os estudiosos verificassem a sua aplicabilidade e assentissem às suas descobertas.

Por ter surgido numa época em que eram populares os trabalhos dos estruturalistas (Propp, Lévi-Strauss), a abordagem proposta por Labov para se coletar e analisar o relato oral, concentrou demasiada atenção no texto em si, tal como delimitado pelas partes constitutivas da narrativas apontadas pelo texto de Labov e Waletzky (1967). A busca por novas metodologias é pautada por interesses que se ajustam à medida que avança a nossa compreensão dos fenômenos linguísticos e que se expandem as dimensões relevantes para o nosso entendimento da comunicação. Atualmente, não é possível tratar de eventos gerados no cerne de situações interativas de comunicação sem se considerarem os elementos componentes do contexto.

Esta preocupação com o contexto, deve muito, na sociolinguística, aos trabalhos de Gumperz e Goffman. Uma análise que se proponha à narrativa quase sempre terá que dar conta dos elementos contextuais, das relações entabuladas entre os participantes, das origens destes, dos modos de falar e comunicar particulares à comunidade de onde vêm os interlocutores, e se estes são partilhados ou não, e o impacto que isto venha a ter na comunicação. Além disso, hoje em dia, procura-se explorar, mais do que o que a estrutura da estória em si mesma diz, o que se pode apreender sobre as ideias da identidade dos autores transmitidas por meio do relato.

Quando contamos uma estória, fazemos muito mais do que encadear uma sequência de ações. O ato de narrar versões de experiência pessoal é também um adiantamento de representações, seja daquilo que vivenciamos, ou gostaríamos de fazer crer que vivenciamos, seja de personagens que (re)construímos. Porque esta representação é verbalizada, temos no discurso narrativo material potencialmente repleto de pistas sobre como queremos que outros nos vejam, mas também sobre quem somos, de fato.

A contínua pesquisa narrativa, então, reafirma o papel que a compreensão de fenômenos linguísticos desta ordem pode exercer sobre a nossa própria compreensão da condição humana, sobre formas de representar a si mesmo e a outros, e sobre idealizações que oferecemos a outros sobre a nossa realidade. Por vezes, as estórias que um grupo de indivíduos conta podem partilhar relações intertextuais e, assim, permitem que se enxerguem tópicos de interesse para uma comunidade ou aquilo que preocupa e faz parte de sua realidade.

À medida que novas formas de comunicação e de interação se tornam disponíveis através de modernas tecnologias, podemos esperar que se multiplicarão também as formas de narrar. O contar estórias faz parte da própria experiência humana e chega a ser considerado o formato ‘obrigatório de relatar as nossas aspirações e

vicissitudes' (Bruner, 2001). Por isso, podemos concluir que o ponto em que nos encontramos hoje, após a frutífera semente lançada por Labov, as contribuições da sociolinguística interacional, da análise da conversa e de inovadoras formas de identificar um relato, é ainda um momento que dará vez a diversas aplicações e análises do texto narrativo. Isto é garantido pelo fato de que haverá sempre novos formatos de agregados humanos, novas estórias e novos modos de relatar. Afinal, como apontamos na nossa epígrafe, a narrativa é tão natural como a própria linguagem.

Referências

- BAMBERG, Michael. Positioning between structure and performance. In: BAMBERG, Michael (Ed.). *Oral versions of personal experience: three decades of narrative analysis. Journal of Narrative and Life History*, v. 7, p. 335-342, 1997.
- BRUNER, Jerome. *Making stories: law, literature, life*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2001.
- CHAFE, Wallace. Some things that narratives tell us about the mind. In: BRITTON, B.; PELLEGRINI, A. (Eds.), *Narrative thought and narrative language*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1990. p. 79-98.
- CHARON, Rita. To render the lives of patients. *Literature and medicine*, v. 5, p. 58-74, 1986.
- DE FINA, Anna. Group identity, narrative and self-representation. In: DE FINA, Anna, SCHIFFRIN, Deborah and BAMBERG, Michael (Eds.). *Discourse and identity*. New York: Cambridge University Press, 2006. p. 351-375.
- DE FINA, Anna. *Identity in narrative: a study of immigrant discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 839.
- FLANNERY, Mércia Santana. She discriminated against her own race: voicing and identity in a story of discrimination. *Narrative Inquiry*, v. 18, n. 1, p. 111-130, 2008.
- FLANNERY, Mércia Santana. *Stories of racial discrimination in Brazil: language, stigma and identity*. 2006. 327f. Tese (Ph.D em Linguística) – Washington, DC: Georgetown University, 2005.
- GARCEZ, Pedro; LODER, Leticia Ludwig. Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na conversa cotidiana em português no Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 21, n. 2, p. 279-312, 2005.
- GARFINKEL, Harold. *Studies in ethnomethodology*. New Jersey: Prentice Hall, 1967.
- GEORGAKOPOULOU, Alexandra. *Sml Stories. Interactions and Identities*. Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins, 2007.
- GOFFMAN, Ervin. *Forms of Talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.
- GOFFMAN, Ervin. *Frame Analysis. An essay on the organization of experience*. New York: Harper and Row, 1974.
- GOODWIN, Charles. Audience diversity, participation and interpretation. *Text*, v. 6, p. 283-316, 1986.
- GUMPERZ, John. Interactional sociolinguistics: a personal perspective. In: SCHIFFRIN, Deborah, TANNEN, Deborah and HAMILTON, Heidi. *The handbook of discourse analysis*. Oxford and Malden, MA: Blackwell, 2001. p. 215-228.
- GUMPERZ, John. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007. p. 1259.
- LABOV, William. *Uncovering the event structure of narrative*. Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics. Washington, DC: Georgetown University Press, 2001. p. 63-83.
- LABOV, William. *Language and the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a. p. 354-396.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b. p. 354-396.
- LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative Analysis: oral versions off personal experience. In: HELM, June (Ed.). *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle, WA: University of Washington Press, 1967. p.12-44.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- MISHLER, Elliot G. *Research Interview: context and narrative*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1986.
- OCHS, Elinor; CAPPS, Lisa. *Living narrative: creating lives in everyday storytelling*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2001.
- SCHIFFRIN, Deborah. *In other words: variation in reference and narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- SCHIFFRIN, Deborah. *In other words: variation in discourse and narrative*. New York: Cambridge University Press, 2006.
- SCHIFFRIN, Deborah. Mother and friends in a holocaust life story. *Language in Society*, v. 31, p. 309-353, 2002.
- SCHIFFRIN, Deborah. Mother/daughter discourse in a holocaust oral history: "Because then you admit that you're guilty". In: BAMBERG, Michael; MCCABE, Allyssa. *Narrative Identity*, 2000. p. 1-44.
- SCHIFFRIN, Deborah. Narrative as self-portrait: Sociolinguistic constructions of identity. *Language in Society*, v. 25, n. 2, p. 167-201, 1996.
- SCHIFFRIN, Deborah. *Approaches to discourse*. Oxford and Cambridge, MA: Blackwell, 1994.
- SCHIFFRIN, Deborah. Tense variation in narrative. *Language*, v. 57, n. 1, p. 45-62, 1981.
- SCHIFFRIN, Deborah. How a story means what it says and does. *Text*, v. 44, p. 313-346, 1984.
- TANNEN, Deborah. *You're wearing that? Understanding mothers and daughters in conversation*. New York: Random House, 2006.
- TANNEN, Deborah. *Talking voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge University Press, 1989.
- TANNEN, Deborah. A comparative analysis of oral narrative strategies: Athenian Greek and American English. In: WALLACE, Chafe (Ed.). *The Pear Stories*. Norwood: Ablex, 1980. p. 51-87.
- TANNEN, Deborah. *Conversational style: analyzing talk among friends*. Norwood, NJ: Ablex. 1984.

Recebido: 30 de agosto de 2010

Aprovado: 02 de maio de 2011

Contato: merciaf@sas.upenn.edu